

## OFICINA NOSSA

a construção da memória coletiva do Morro do Palácio sob olhar das crianças

**Asy Pepe Sanches Neto**

Pesquisador no MACquinho e Instituto Joaquín Herrera Flores América Latina  
asy.sanches@gmail.com

**Letícia de Souza Blanco**

Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da UFRJ  
leticia.blanco802@gmail.com

**Bibiana Josierika Abreu Romão**

Universidade Federal Fluminense  
bibianaromao@id.uff.br

---

### Resumo

O artigo aborda a construção da memória coletiva e afetiva no Morro do Palácio por meio da Oficina Nossa, destacando a importância da história oral e da cartografia afetiva na ressignificação das experiências e vivências das crianças da comunidade. A memória social é entendida como uma construção coletiva, onde diferentes atores (crianças, professores, moradores) compartilham suas histórias e experiências, formando uma identidade social. O uso da metodologia da cartografia afetiva permite que as crianças expressem suas percepções sobre o território, construindo um mapa que reflete suas memórias, sentimentos e vínculos com o Morro. Essa prática não só resgata memórias subterrâneas frequentemente negligenciadas, mas também contribui para a valorização da identidade da comunidade, enfatizando a relevância de seus espaços e práticas culturais. A relação entre memória, espaço e identidade é central para entender como as crianças percebem e vivenciam seu entorno, criando laços afetivos com os lugares que frequentam.

**Palavras-chave:** Serviço de Referência/Informação. Cartografia afetiva. Memória coletiva. MACquinho. Morro do Palácio.



## 1 INTRODUÇÃO

Este artigo faz parte de uma série de reflexões iniciadas para desenvolver os Serviços de Referência e Informação (SRI) no âmbito das atividades da biblioteca do Centro Cultural de Economia Criativa (MACquinho). A proposta vai além do fornecimento de documentos: queremos que a biblioteca se torne um espaço de geração de novos saberes e conhecimentos úteis à comunidade, onde seus membros possam recorrer para resgatar e documentar sua memória e produção. Dessa forma, a biblioteca também serve como uma fonte de aprendizado para outras comunidades discursivas, que poderão conhecer e valorizar as vivências internas da comunidade do Morro do Palácio, favela onde a biblioteca está localizada.

Frequentemente, os conhecimentos sobre a favela, quando "protagonizados", surgem como um fetiche burguês de compreensão e apropriação, numa prática que lembra o que os expedicionários portugueses fizeram com os recursos, saberes e corpos indígenas. Em oposição a isso, propomos uma valorização ativa da produção cultural — incluindo novas tecnologias e seus usos sociais, além de arte, poesia, música e literatura — e dos saberes locais, como o uso de plantas medicinais, técnicas de construção, empreendedorismo e os conhecimentos de comunidades tradicionais presentes, já mapeamos a existência de uma comunidade tradicional pesqueira. Destaque-se a função destes saberes tradicionais como forma de oposição aos modos de extrativismo predatório da indústria pesqueira. Nesse sentido, podemos afirmar que há muitos conhecimentos internos que são de interesse público e coletivo.

É essencial compreender as demandas e interesses reais da população, de modo que o SRI reflita essas relações vivas, em vez de uma visão externa sobre o que "uma favela" deve ser ou saber. Da mesma forma, é crucial que a biblioteca crie estratégias para que esses discursos circulem e sejam valorizados. Não se trata de enquadrar a vida cotidiana nos parâmetros da produção documental, mas de reconhecer a biblioteca como um espaço de poder, que permite que esses discursos dialoguem com outras redes de conhecimento, como bem nos lembra Latour (2004).

Nesse sentido, buscamos construir uma biblioteca que se desenvolva diretamente das interações com as comunidades discursivas atendidas, tornando-se um espaço onde essas vozes, muitas vezes apagadas, encontram oportunidade de expressão e fortalecimento.

Foucault descreveu esse contexto de forma incisiva: para que as vidas das classes populares ou das comunidades marginalizadas fossem registradas, precisou haver um encontro com o poder, geralmente marcado pelo confronto – prisões, internações, formas de

controle. "Para que alguma coisa delas chegue até nós, foi preciso [...] que um feixe de luz [...] viesse iluminá-las. [...] O que as arranca da noite em que elas teriam podido [...] permanecer é o encontro com o poder [...]: sem esse choque, nenhuma palavra, sem dúvida, estaria mais ali para lembrar seu fugidio trajeto" (Foucault, 2003, p. 5).

Acreditamos que, hoje, as bibliotecas – especialmente as comunitárias e/ou ligadas a territórios vulneráveis – devem criar meios para que a própria população se represente e documente, ‘iluminando’ essas vidas em seus próprios termos/caminho e fortalecendo uma cultura de memória e de pertencimento construídos de dentro para fora. No fim, as primeiras estratégias ao assumirmos a gestão desta biblioteca foi a de buscar instrumentos que nos permitissem organizar o acervo e os serviços oferecidos pela instituição.

Atualmente, o MACquinho possui as crianças como principal público frequentador. Desse modo, optamos por iniciar a percepção do espaço a partir de suas perspectivas, assim, neste artigo, buscamos entender a percepção que as crianças do Morro do Palácio têm sobre sua comunidade. Para isso, propomos uma análise que é construída a partir das ações de mediação cultural realizadas na Oficina Nossa, atividade promovida no MACquinho, que visa à organização e criação coletiva da memória do Morro e tem como protagonistas as próprias crianças que ali vivem. A mediação cultural considera os sentidos e significados produzidos ativamente pelos sujeitos, fundamentados em suas relações, interações e vivências cotidianas. Como apontam Mendonça, Feitosa e Dumont (2019), a cultura permite aos indivíduos o protagonismo dos processos de mediação, tornando-os construtores de experiências significantes e igualmente informacionais.

A Oficina Nossa surgiu no ano de 2022, dentro da comunidade do Palácio, tendo como idealizadora Walkiria Nictheroy, na época estudante de Pedagogia da Universidade Federal Fluminense (UFF) e moradora do Palácio. Esse projeto se iniciou no salão de festas da comunidade e com trabalho voluntário de três pessoas com objetivo de auxiliar no processo de alfabetização e letramento.

Em 2023 a oficina foi transferida para o prédio do MACquinho, também localizado no Palácio. Com acesso a este espaço institucional, as crianças passaram a ter suas aulas em uma sala própria com uma melhor estrutura física. Com o decorrer do tempo, novos professores aderiram ao projeto e as atividades oferecidas foram diversificadas, incluindo o teatro, acompanhamento pedagógico, aulas de dança, artes, colônia de férias e atividades esportivas.

O MACquinho veio para ressignificar, trazendo um novo olhar sobre o que é o museu, consolidando-se como um centro cultural da comunidade para ela mesma, contando com colaboradores que são residentes do Morro, e atendendo a usuários que vivem neste espaço,

principalmente crianças e jovens que são os grupos que mais frequentam o local cotidianamente.

Em termos metodológicos, o trabalho foi desenvolvido em três etapas principais. Na primeira foi realizado levantamento bibliográfico em bases de pesquisa Capes e Scielo a fim de identificar artigos e livros que se dediquem aos conceitos-chaves deste trabalho (memória, infância e mediação cultural), inclusive os relacionando.

Na segunda etapa, foram recolhidos os depoimentos de professores, voluntários, idealizadores que fizeram parte da trajetória da Oficina Nossa por meio de entrevistas semiestruturadas gravadas no Estúdio Popular no MACquinho, visando o resgate da memória da Oficina e do Morro, compreendendo de que maneira estes dois espaços se relacionam. A entrevista seguiu o seguinte roteiro de perguntas: (1) O que motivou a criação da Oficina Nossa? (2) Qual foi sua primeira impressão na Oficina Nossa? (3) Qual é a relação da Oficina Nossa com o Morro do Palácio? (4) Na sua opinião, quais são os impactos que a Oficina Nossa gera no Morro do Palácio? (5) E para as crianças da Oficina? (6) Quais são os legados que podem ser deixados na Oficina Nossa ? (7) Você acha que teve impacto trazer a Oficina Nossa para dentro de um espaço institucional? (8) O que você imagina para os próximos anos da Oficina? (9) Você acha que é possível construir uma memória do Morro a partir das crianças que participam da Oficina?

A terceira parte dedicou-se à realização do mapa afetivo do Morro do Palácio por meio da metodologia da cartografia afetiva. Através dessa metodologia, as crianças da Oficina puderam posicionar no mapa do Morro os espaços que consideram mais significativos no seu contexto territorial e que fazem parte de sua memória individual e coletiva. Durante a atividade elas puderam compartilhar com seus colegas suas impressões e percepções sobre o espaço, construindo conjuntamente um mapa do Morro conforme suas representações.

As crianças foram escolhidas como público-alvo deste trabalho, pois compõem o grupo social que mais frequenta o MACquinho, participando de todas as atividades disponibilizadas, seja no campo educacional, cultural ou artístico. Ademais, elas foram selecionadas pois oferecem uma nova perspectiva sobre o Morro que é influenciada pelas experiências dos familiares com os quais convivem, mas também pela sua própria vivência atravessada por um olhar sensível, lúdico e criativo.

As atividades culturais oferecidas na Oficina possibilitam que as crianças troquem suas experiências entre si, o que propicia o compartilhamento de acontecimentos, vivências e fenômenos que são essenciais para a construção da memória. As instituições museais, como o MACquinho, se colocam como agentes mediadores de ações culturais e educativas com vistas

à preservação do patrimônio cultural das coletividades que compõem a sociedade. Encerramos esta introdução, enfatizando que compreendemos neste trabalho a memória sob uma perspectiva social na qual ocorre sua construção individual e coletiva por parte dos sujeitos que a compõem, tal como defendem Habwachs (2013), Nora (1992) e Pollak (1992).

## **2 O MACQUINHO E A OFICINA NOSSA**

O MACquinho é um espaço cultural mantido pela Prefeitura de Niterói, localizado no mirante do Morro do Palácio, no bairro do Ingá, Região das Praias da cidade de Niterói, em frente ao Museu de Arte Contemporânea da cidade, o MAC. Seu projeto arquitetônico foi elaborado por Oscar Niemeyer, sendo o único de sua autoria que se encontra em uma favela. Como entidade pública, de personalidade jurídica, o equipamento cultural, denomina-se Centro Cultural de Cidadania e Economia Criativa, e sua gestão é feita pela Fundação de Artes de Niterói (FAN). Em suas instalações são desenvolvidos diversos projetos voltados à população local, entre eles: oficina de alfabetização de crianças, oficinas de percussão, cineclube, aulas de reforço, aulas de teatro, etc.

O local também dispõe de um estúdio musical gratuito para gravação de artistas locais e uma sala de estudo onde se encontra instalada a biblioteca. Próximo da sala há um espaço de exposição permanente, onde, por meio de textos e fotografias, se conta a história da formação do Morro e dos seus primeiros moradores. Além do primeiro andar do prédio no qual se encontram as exposições temporárias de artistas do Morro e de fora também. O prédio ainda conta com uma ampla área externa com arquibancada onde se exhibe filmes e peças de teatro.

O MACquinho foi inaugurado em 2008, no entanto, devido a problemas de segurança e questões de gestão da prefeitura, ficou fechado durante alguns anos, sendo subutilizado pelo poder público e totalmente interditado por mais de dois anos para obras de contenção de encosta, até ser reaberto em 2014. Na época, a gestão do equipamento cabia à Secretaria Municipal de Ciência e Tecnologia, atualmente, como mencionado, está sendo gerido pela FAN (Menasce, 2014).

Recentemente, o MACquinho fez parceria com Universidade Federal Fluminense (UFF) por meio do projeto de extensão “UFF-comunidades - um estudo sobre conexões entre sujeitos sociais, conflitos e os impactos coletivos”, mobilizado pelo Instituto de Estudos Comparados em Administração de Conflitos (INEAC). As ações do projeto tiveram início em abril de 2023 e estão divididas em cinco eixos de atuação: 1) direitos e cidadania, 2) arte,

educação e juventude, 3) memória e identidades, 4) segurança pública, território e mobilidade urbana e 5) organização comunitária e divulgação científica (INEAC, 2024).

Desde 2023, a Oficina Nossa é uma das atividades realizadas no MACquinho, contando com a participação de colaboradores e voluntários alinhados ao propósito da iniciativa, sendo a maioria deles moradores do próprio Morro. Conforme relataram professores e idealizadores nas entrevistas, a motivação para a criação da Oficina Nossa veio da percepção de que havia, no Morro, um número significativo de crianças com defasagem de conteúdo em relação às suas séries escolares, revelando um descompasso entre idade e ano escolar, ou seja, uma distorção de idade-série. Além disso, muitas dessas crianças enfrentavam dificuldades na escrita, uma situação agravada após a pandemia. A necessidade de adaptação ao ensino remoto, somada ao acesso limitado à tecnologia e internet, contribuiu para o impacto na formação dessas crianças e intensificou os desafios já existentes.

Percebendo isso, em 2022, no contexto de pós-pandemia, os idealizadores do projeto resolveram criar por meio da ajuda de voluntários a Oficina Nossa no salão de festas do Morro. Como destacado pelos entrevistados, esse espaço não tinha muita estrutura para receber um grande quantitativo de alunos naquele período. Apesar disso, os professores e voluntários sempre incluíam cada vez mais crianças, quando as mesmas se interessavam.

Como pontuado pelos entrevistados, a Oficina Nossa não é apenas aulas de reforço escolar, mas um espaço que as crianças têm para socializar e brincar entre si, compartilhando seus lanches e brinquedos com os demais da turma, ou seja, um lugar de convivência e respeito, no qual as crianças aprendem a lidar com pensamentos e ideias diferentes dos seus, estimulando a expressão artística, a criatividade e o pensamento crítico durante as atividades oferecidas.

Atualmente, a Oficina Nossa é composta por dois turnos (manhã e tarde), e possui cerca de 30 crianças, entre 6 e 12 anos. Com a Oficina, no período da tarde, as crianças passaram a ocupar o tempo de contraturno escolar com atividades que estimulam seu desenvolvimento educacional e artístico. Atualmente, a Oficina conta com profissionais que atuam nas áreas de reforço escolar, artes e atividades físicas.

Com a continuidade do projeto, percebeu-se que, nos últimos dois anos, os pais das crianças também se aproximaram do MACquinho e desenvolveram um vínculo com o espaço. A mudança para um local mais amplo permitiu que os professores tivessem condições de receber os responsáveis para reuniões, fortalecendo o relacionamento com eles. É importante destacar que, para a maioria dos pais residentes no Morro, o MACquinho representou o primeiro contato com um museu ou teatro — instituições culturais que, no contexto brasileiro,

ainda possuem barreiras simbólicas e físicas que muitas vezes afastam a população pobre e em maior vulnerabilidade social de suas atividades.

Respondendo a pergunta “Qual é a relação da Oficina Nossa com o Morro do Palácio?”, os entrevistados disseram que não conseguem pensar em um sem evocar o outro. A Oficina Nossa é composta majoritariamente por crianças que nasceram e vivem no Morro, sendo impossível pensar em um separado do outro. A Oficina Nossa, segundo eles, foi criada para as crianças do Morro a fim de ajudá-las no processo de ensino-aprendizagem, as auxiliando no ensino de diversas matérias que compõem a grade curricular.

Todos os entrevistados que acompanham o projeto desde de 2022, disseram que trazer o projeto para dentro do MACquinho foi muito bom, pois os professores passaram a ter acesso a uma melhor estrutura com armários, mesas grandes para as crianças escreverem, com um quadro branco disponível e um espaço reservado ao aprendizado. Apesar disso, uma das entrevistadoras pontuou que trazer a Oficina para dentro do MACquinho mudou um pouco o público atendido, visto que algumas crianças que antes participavam deixaram de acompanhar a oficina quando a mesma adentrou o espaço institucional, todavia atraiu-se um novo público, abrindo inscrições para crianças que vivem em outros bairros de Niterói, causando impacto social além do Morro do Palácio.

Quando inquiridos sobre se era possível construir uma memória do Morro a partir das crianças da Oficina, todos responderam que sim. Segundo os entrevistados, as crianças criam memórias a partir de suas ações no seu dia a dia, como também têm contato com as memórias e lembranças dos seus pais, tios e avós que moram no Morro há décadas, fazendo parte de sua construção. Nesse caso, emerge a memória coletiva trabalhada por autores como Halbwachs, Pollak e Nora. Por meio da relação social dos sujeitos cria-se uma memória que é compartilhada entre os atores que compõem o Morro, memória essa atravessada de interpretações, visões e ideias dos diversos indivíduos que juntos vivem e ressignificam a lembrança a todo momento, recriando novas memórias.

Na Oficina Nossa acontecem diversas atividades, como: esportes, passeios pela cidade, reforço escolar e atividades culturais, como teatro. Por meio da mediação cultural praticada no fazer dessas ações, evoca-se as memórias das crianças a partir de atividades que são realizadas durante a Oficina: desenho, escrita e teatro. A partir da mediação cultural dessas atividades criam-se significados e sentidos; são feitas apropriações culturais e representações simbólicas do Morro, que são aspectos relevantes para compreendermos a construção da memória.

No processo de mediação cultural, os sujeitos não só escutam e interpretam os significados e os sentidos os quais estão expostos, como também se apropriam deles, agem e interagem sobre eles, gerando novos fluxos infocomunicacionais (Mendonça; Feitosa; Dumont, 2019). Assim, as crianças não só se apropriam dos sentidos aos quais são expostos dos seus pais, tios, avós, amigos e professores, como também criam e (re)elaboram seus próprios sentidos sobre suas vidas a partir dos fluxos infocomunicacionais que lhes permitem trocar informações entre si.

Os professores que atuam na Oficina, como profissionais da informação, devem “[...]ser conscientes das dimensões e do poder de transformação dos sujeitos que acessam e se apropriam dos fenômenos que os rodeiam e os representam enquanto coletividade e de forma singular” (Sousa, Nunes, 2023, p. 396). Como argumentam Santos e Sousa (2021, p. 82), quando os profissionais realizam as atividades mediadoras de maneira consciente, favorecem à aproximação que “[...] propicia as condições para que os sujeitos reflitam acerca de seus referenciais ideológicos, identitários e memorialísticos”.

Trazer a memória do Morro sob o olhar das crianças a partir da prática da mediação cultural da Oficina, é considerá-las produtoras de sentidos e significados sobre suas vidas, como sujeitos ativos no processo de construção da memória, como apropriadoras, criadoras e reprodutoras da memória que é transmitida de geração em geração, sendo atores fundamentais para compreender a dinâmica que se desenvolveu (a partir da memória dos seus ascendentes) e a que ocorre no Morro (no presente, no dia a dia vivenciado pelas crianças).

8

### **3 MEMÓRIA COLETIVA: A CONSTRUÇÃO DE UMA MEMÓRIA DO MORRO**

Por meio da história oral relatada pelas entrevistas dos idealizadores e professores atuantes da Oficina Nossa, e da mediação cultural realizada durante sua programação, buscase a organização e criação coletiva da memória do Morro do Palácio. Através dessas metodologias visa-se resgatar os marcos importantes da trajetória histórica do Morro, e seus impactos na comunidade. A memória que será sistematizada advém não de um olhar, mas de vários atores e agentes (crianças, professores, moradores). Juntos, eles convivem e compartilham o espaço do Morro nos seus afazeres diários, forjando assim uma memória coletiva que é importante para sua constituição identitária enquanto grupo social.

Pollak (1992) define a memória social como uma construção individual e coletiva do sujeito. Um fenômeno que parece, a priori, ser individual, mas que deve “[...] ser entendido também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um



fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes” (Pollak, 1992, p.201). Ou seja, a memória é seletiva, nem tudo fica gravado e registrado, sendo lembrado aquilo que o sujeito considera mais significativo para si.

Seguindo a concepção de Pollak, Frago (1999, p.5, tradução nossa) destaca que “A memória humana é, portanto, um processo dinâmico. Está em reconstrução permanente. Tem um caráter transformador, recreativo e onipresente”. Nora (1993) vai ainda mais além dizendo que

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos, e nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas [...] A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente” (Nora, 1993, p.9). Pode-se dizer, assim, que a memória está em constante (re)construção e se transformando de acordo com o que o sujeito vive, sente e experiencia em seu cotidiano, no presente. O cotidiano está presente nas memórias e lembranças. Como pontua Halbwachs (2013) analisamos as lembranças recordadas a partir das percepções do presente. Logo, pode-se afirmar que o que as crianças fazem, pensam e refletem no cotidiano altera e influencia as lembranças que elas têm da comunidade. Assim, o cotidiano se apresenta “como fonte primeira de todo o conhecimento” (Pais, 2003, p.47) sendo a nossa memória um lugar de registro de compartilhamento do que foi vivido e experimentado pelo sujeito ou por meio de seu grupo social.

Conforme afirma Halbwachs (2013), a memória é composta por recordações e lembranças que estão inseridas dentro de um determinado contexto social que lhes garante particularidades. Além disso, segundo o autor, a memória deve ser pensada para além do indivíduo, acionando os grupos sociais dos quais fazem parte, e se recorrendo à análise do contexto no qual inserido, sendo cada memória individual um ponto de vista sobre a memória coletiva. Assim, o indivíduo que se recorda está cercado por grupos de referência com os quais constroi sua memória. No caso das crianças que participam da Oficina Nossa, seus grupos de referências são seus pais, amigos, professores e vizinhos.

Dessa forma, pode-se dizer que mesmo a memória individual é construída em grupo, visto que não está totalmente isolada, carregando marcas da memória coletiva. Como afirma Halbwachs (2013, p.30) “[...] lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isso acontece porque jamais estamos sós”. Assim, mesmo que a lembrança tenha sido vivenciada e recordada por uma pessoa, não podemos pensar nela de forma individual visto que o sujeito está sempre inserido em um grupo social. Indo mais além,

Henry Rousso (2001, p.94-95) defende que a memória “[...] é uma reconstrução psíquica e intelectual que acarreta de um fato, uma representação seletiva do passado, um passado que nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social e nacional” (2001, p.94-95).

Segundo Halbwachs (2013) a memória coletiva é mais segura que a memória individual. As lembranças que são recordadas por uma ou mais pessoas são mais exatas, permitindo a reconstituição de sequência de atos. Continuando, o autor afirma que no processo de rememoração é essencial que a memória individual vá ao encontro com a memória dos sujeitos que compõem o grupo social do qual faz parte. Assim, para construir uma memória coletiva “não basta reconstituir pedaço por pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstrução funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também nos dos outros” (Halbwachs, 2013, p. 39). É importante que as lembranças sejam reconstruídas e reconhecidas pelos membros do grupo. Por meio das entrevistas e da análise das atividades realizadas junto com as crianças, busca-se essa semelhança, as “noções comuns” entre as memórias dos sujeitos que vivem o Morro do Palácio, construindo assim uma memória de fato coletiva, a partir de diferentes vozes.

Outro ponto que vale destacar em relação na obra de Halbwachs (2013) é que a memória coletiva que o autor conceitua não é estável, linear, contínua, passando ao longo do tempo por ressignificações, transformações e rupturas. Ou seja, ela é viva, plural e dinâmica, sendo a todo tempo reconstruída pelas ações dos grupos sociais.

No que tange a memória e espaço, Halbwachs afirma que há uma relação entre esses dois elementos. Um grupo social que convive em determinado espaço o transforma conforme seus valores e concepções de tal maneira que “cada aspecto, cada detalhe desse lugar tem um sentido que só é inteligível para os membros do grupo” (Halbwachs, 2013, p. 160). Por isso, o esforço neste trabalho de nos aproximarmos das crianças que residem no Morro do Palácio e daqueles que criaram a Oficina Nossa que veem neste espaço formas e ações que não são evidentes para atores que não vivem ou não são dali. Como afirma Nora (1993), a memória, apesar de ser abstrata, se enraíza no concreto, no espaço, no objeto, deixando suas marcas nesses elementos, que são desvendadas por aqueles que vivem o espaço e estão mais próximos dos objetos a serem analisados.

Conforme Santos (2002) o conceito de Espaço agrega elementos físicos e objetivos (sistema de objetos) e também os subjetivos e imateriais (sistema de ações) que, ao invés de se oporem, se complementam. Os objetos que Santos (2002) recorre, são formas que existem

em um espaço. O objeto tem uma existência somente dele, sendo independente do sujeito que o conhece. São os sistemas de ações, movidos por nossa intencionalidade, que dão funcionalidade aos objetos. A relação entre esses dois sistemas faz com que seja construído um conceito de espaço diferenciado por cada um.

O espaço está repleto de diferentes significados e valores que variam de acordo com a subjetividade de cada indivíduo. Dessa forma, percebemos que de acordo com o significado atribuído os indivíduos podem produzir representações diferentes de um mesmo espaço. Ou seja, mesmo que lidemos com crianças, que possuem uma faixa etária próxima e morem no mesmo local, cada uma delas possui sua percepção sobre o Morro de acordo com sua vivência.

Como afirma Pollak (1992), a memória possui elementos que a constituem, como: acontecimentos vividos pessoalmente, acontecimentos vividos pela coletividade, pessoas/personagens e lugares que são particularmente ligados a uma lembrança. Todos estes elementos se entrelaçam na memória dos indivíduos, forjando memórias que são próprias de cada grupo.

Ainda vale ressaltar a relação entre memória e identidade, segundo Pollak (1992, p.5) “a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si”. Por meio do sentimento de continuidade e de coerência que a memória proporciona ao grupo social, constroi-se uma identidade, criando-se uma representação de si, para si e para os outros que é essencial para re-existência do grupo no território que ocupa. Desse modo, pode-se dizer que a construção coletiva da memória social da Morro a partir daqueles que o vivenciam contribui para a ampliação da consciência sobre si e sobre seus direitos, incentivando a construção e valorização identitária da comunidade, firmando assim seus laços junto ao território. Assim, Pollak (1992) chama atenção sobre o poder de coesão social que a memória possui sobre um grupo.

A ideia de reconstruir a memória do Morro a partir das pessoas que vivem nele foi a maneira encontramos de fazer emergir e aflorar a “memória subterrânea” da periferia que foi reprimida e subjugada, ao longo da história, no enquadramento da memória nacional que reprimiu, marginalizou e omitiu atores e ações advindos de espaços considerados “inferiores”, “subalternizados”. Como afirma Le Goff (1994) a memória compõe-se em um instrumento valioso de disputa ideológica e está inserida dentro de relações de poder. Aqueles que dominam querem ser senhores da memória coletiva, ditando o que deve ser lembrado ou

esquecido conforme seus anseios. Enquanto isso, aqueles que são submetidos ao esquecimento resistem então ao apagamento, resgatando suas memórias, lutando pelas suas formas de existências e pelo reconhecimento das mesmas, como vemos no caso do Morro do Palácio, onde se busca construir uma memória protagonizada pelos atores que vivem neste espaço.

Em relação a Memória e Infância, Halbwachs (2013) afirma em sua obra que não é possível pensarmos as memórias das crianças sem acionarmos a coletividade que a rodeia. A partir do momento que a criança ultrapassa a etapa de vida que é puramente vivenciada pelos cinco sentidos (olfato, audição, visão, paladar e tato), e passa se interessar pelos sentidos e significados das imagens as quais observam, ela acaba pensando em comum com os outros que estão no seu entorno. Não estando mais isolada em si mesma, visto que seu pensamento passa a comandar perspectivas inteiramente novas.

Conforme afirma Halbwachs (2013) a memória de infância é uma construção social, onde as lembranças individuais são moldadas e influenciadas pelas interações e pelos contextos sociais que cercam a criança, o que dá à esta memória uma dimensão coletiva e relacional.

O contato com outras gerações é um elemento importante que deve ser levado em consideração quando pensamos sobre a memória da infância. O convívio com avós, tios e pais, faz com que a criança guarde memórias e lembranças que não são de sua época, interpretando-as sob seu olhar do presente. Todavia, chamamos atenção que a memória que é passada através das gerações acaba sendo seletiva uma vez que não é possível o sujeito recordar de todos os detalhes que viveu no seu passado.

Ademais, essa memória que é transmitida pelas gerações predecessoras, é analisada sob um olhar e perspectiva do sujeito que a vivenciou, possuindo por detrás uma intencionalidade e posicionamento frente aos fenômenos que são relatados. Nesse caso, é preciso enfatizar que a memória que é recordada está sempre relacionada aos quadros sociais de memória (Halbwachs, 2013) que se referem às estruturas sociais que informam e moldam a maneira como as memórias são formadas, lembradas e compartilhadas. A memória transmitida (seletiva e interpretada pelo contador da geração anterior) forjará então uma nova memória que será interpretada sob a percepção da criança que considerará seu cotidiano na análise, assumindo um papel ativo no processo de construção da lembrança.

#### 4 A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA AFETIVA DO MORRO

Para resgatar a memória das crianças foi proposta uma atividade em uma das aulas da Oficina que envolveu o exercício e prática da cartografia afetiva. Como mencionam Pereira e Registro (2022, p. 122) “A metodologia da cartografia afetiva tem sido desenvolvida por diversos grupos e coletivos, que buscam mapear os territórios e os múltiplos encontros que se dão nele, destacando as dinâmicas sociais, culturais e afetivas”. Dessa forma, por meio dessa metodologia visou-se alcançar o olhar e a representação das crianças em relação ao Morro no qual elas convivem, socializam e vivem suas experiências individuais e compartilhadas. A partir dessa atividade, as crianças puderam trocar suas vivências entre si, e construir conjuntamente um grande mapa sobre o Morro, exercitando suas memórias deste território.

Antes da produção do mapa iniciou-se um levantamento coletivo das impressões e experiências pessoais das crianças no Morro. Para isso lhes foram direcionadas as seguintes perguntas: (1) Qual é o nome da sua rua ou beco? (2) Tem algum lugar do Morro que você vai quase todos os dias? (3) Qual é a barraca que tem o refrigerante mais gelado? (4) Se você tivesse que escolher um lugar do Morro que mais gosta, qual escolheria? Por que? (5) Qual é a igreja que você frequenta? (6) O que você mais gosta de fazer quando não está em aula? (7) Você pratica algum esporte dentro da comunidade? (8) Qual foi a melhor festa das crianças que já teve no Morro?. Com essas perguntas, as crianças começaram a acionar suas memórias para respondê-las, evocando inicialmente os espaços que frequentam (barracas, campo de futebol, Nitbike, Praia da Boa Viagem), os grupos sociais com os quais convivem no Morro (donos das barracas, seus familiares). Como nos chamam a atenção Santos e Gonçalves (2017), quando os sujeitos acionam suas memórias, os lugares também são evocados consequentemente. Nesse sentido, “os lugares transitados tornam-se um caminho para as lembranças do passado” (Santos, Gonçalves, 2017, p. 124).

Depois de responderem às questões propostas e conversarem entre si, foi iniciada a elaboração coletiva do mapa afetivo (figuras 1, 2, 3 e 4).

Figuras 1, 2, 3 e 4 - Mapa afetivo.



Fonte: Autores (2024).



Fonte: Autores (2024).

Para a realização dessa atividade, os alunos da Oficina foram colocados em torno de uma mesa grande disponível na sala (figuras 5 e 6).

Figuras 5 e 6 - Processo de elaboração do mapa



Fonte: Autores (2024).

Inicialmente, eles buscaram posicionar geograficamente no desenho do Morro os espaços que lhes vinham à memória e que podiam observar através da janela do MACquinho. Após isso, eles começaram a desenhar com lápis e pintar com canetinhas alguns deles. O primeiro espaço que começou a ser desenhado foi a Igreja, logo depois foi a NitBike, e posteriormente o MAC. Apesar de frequentarem o MACquinho todos os dias devido à Oficina, ele foi um dos últimos a serem desenhados no mapa uma vez que as crianças se atentaram mais aos espaços que recordavam ou aos lugares que conseguiam vislumbrar na paisagem do entorno durante a atividade.

Como mencionam Santos e Gonçalves (2017), não há como invocar eventos passados sem mencionar os lugares a partir dos quais as memórias emergiram. O corpo inserido em um espaço, sente, se relaciona e age sobre o mesmo. Ao ocupar e usar determinado espaço, os sujeitos desenvolvem sentimentos de pertencimento em relação a ele, constroem uma identidade local e regional com aqueles com os quais compartilha.

Ao desenvolver um sentimento de afetividade com determinados espaços, os mesmos se tornam “lugares de memórias” nos quais estão enraizadas as memórias, sendo revestidos por uma aura simbólica, que os tornam significativos para a construção do indivíduo enquanto sujeito social (Nora, 1981). No caso do mapa afetivo do Morro, percebe-se alguns exemplos de lugares de memórias das crianças: o campo de futebol, a NitBike, o mototáxi, a igreja, as barracas, suas casas, e o próprio MACquinho. A partir desses lugares deflagram-se “imagens, sentimentos e as experiências vivenciadas individualmente ou em grupo. O reviver de tais lembranças gera um sentimento de pertença e de identidade local” (Santos; Gonçalves, 2017, p. 124). São neles que “a memória se cristaliza e se refugia” (Nora, 1981, p. 7), onde são depositadas as imagens do que foi vivido.

Durante a elaboração do mapa, a mediação cultural emergiu à medida que as crianças acionaram os sentimentos e significados presentes em sua memória e refletiram sobre eles, buscando expressá-los no mapa. A mediação cultural considera os sentidos e significados produzidos pelos sujeitos ativamente com base nas suas relações, interações e vivências cotidianas. O mapa expressa a percepção das crianças, seus sentimentos, em relação ao Morro, permitindo que se tornem mediadoras de suas próprias narrativas. Como afirmam Silva e Cavalcante (2022, p.11) “a mediação cultural da informação proporciona uma humanização das mediações informacionais, tornando os seres humanos protagonistas do processo de atribuição e produção de significados e sentidos”.

Por meio do exercício da cartografia afetiva, notou-se um forte sentimento de pertencimento territorial e laço afetivo das crianças em relação ao Morro. Durante todo o processo de elaboração do mapa, elas destacavam aspectos culturais, geográficos e afetivos que consideravam relevantes. Ao escolherem os elementos que estariam no mapa do Morro, percebeu-se uma preferência, por parte das crianças, em chamar atenção sobre espaços que frequentam assiduamente, como a Igreja, as barracas, o MACquinho, as estações da NitBike. Todavia, vale mencionar a presença também de espaços que não são muito frequentados, mas que estão em seu horizonte de vista, como é o caso do MAC (Museu de Arte Contemporânea) e dos prédios que se encontram na orla da praia, que estão próximos geograficamente do Morro, mais distantes socialmente do mesmo.

A dimensão dada aos espaços que foram escolhidos para serem representados também nos diz sobre o olhar das crianças. Como podemos ver nas imagens a Igreja, o MAC, a Praia da Boa Viagem, e a NitBike aparecem como elementos de destaque (pintados ou com tamanho maior) no mapa visto que são espaços que se fazem presentes no cotidiano das crianças ou que chamam mais atenção na paisagem que vislumbram do MACquinho, de onde



realizaram a atividade do mapa. Os mapas afetivos, diferentemente dos mapas tradicionais, se afastam das convenções de escala e precisão em favor de uma representação subjetiva, permeada por emoções e significações. Logo, a discrepância de tamanho dos elementos é algo comum nesse tipo de mapa visto que os sujeitos tendem a dar maior destaque àquilo que considera mais significativo.

Como afirmam Pereira e Registro (2022) a cartografia afetiva oportuniza um olhar além do sujeito, revelando-se um horizonte de estudo sobre o território que é interligado aos seus habitantes e suas culturas. Através do exercício de realizar um mapa do Morro, as crianças chamam atenção de elementos como mototáxi, campo de futebol, barracas e becos que muitas vezes seriam despercebidos ou negligenciados por aqueles que não vivem neste território. Ademais, a cartografia afetiva nos possibilita perceber os espaços que são mais próximos afetivamente dos sujeitos que vivem determinado território, espaços estes que fazem parte de sua memória e de sua construção social como indivíduos.

Durante toda a atividade, as crianças interagiram entre si, apontando os espaços que ainda estavam faltando no mapa e sobre sua posição geográfica em relação aos outros elementos destacados. A partir disso, construíram um mapa do Morro conforme suas percepções, destacando a vida e a cultura presente nesse contexto. Ou melhor, construíram juntas uma memória do Morro carregada de simbolismos e afetividades que atravessaram todo o fazer cartográfico, cumprindo o objetivo principal da cartografia afetiva que não é apenas mapear os lugares, mas também as emoções e memórias que eles acionam.

Pereira e Registro (2022) nos chamam atenção que a metodologia da cartografia afetiva, na maioria das vezes, é realizada com grupos que sofrem com a vulnerabilidade social e que utilizam o mapa como uma ferramenta de luta e de denúncia das inúmeras violências que afetam os corpos e os territórios. Dessa forma, a cartografia afetiva, como na atividade proposta com as crianças da Oficina, dá destaque a uma memória subterrânea reprimida e estigmatizada que é a todo tempo disputada pelos subalternizados e pelos agentes hegemônicos. Com esse mapa, buscou-se visibilizar o olhar e vocalizar os sujeitos que historicamente foram postos à margem da sociedade. O exercício de produzir o mapa que tenha o protagonismo dos sujeitos que vivem o território, possibilita a emergência da memória subterrânea que continua latente, independente da tentativa de silenciamento (Pollak, 1992).

## 5 CONCLUSÃO

A experiência com a Oficina Nossa e a metodologia da cartografia afetiva no Morro do Palácio demonstrou a importância de incluir novas metodologias de estudo comunitário para a compreensão da comunidade discursiva atendida por equipamentos culturais, como as bibliotecas. Nesse sentido, destacamos a relevância de valorizar saberes e memórias locais, promovendo o reconhecimento das identidades e histórias de um território para a construção de políticas de serviços e acervo de uma biblioteca, especialmente em territórios frequentemente marginalizados.

Assim, buscamos compreender a biblioteca como um espaço ativo de construção e compartilhamento de conhecimento, onde as vozes da comunidade são respeitadas, legitimadas e, sobretudo, amplificadas. Além disso, destacamos a importância de iniciar um processo de reconhecimento da memória e história locais a partir das expressões das crianças sobre suas memórias e afetos relacionados ao Morro do Palácio.

Dessa forma, o mapa afetivo vai além de uma simples representação geográfica, tornando-se um registro coletivo de vivências e sentimentos que reflete o contexto social e cultural que marca o cotidiano da comunidade. Em unidades culturais de arquivamento, como as bibliotecas, o mapa afetivo permite identificar necessidades de uso info-documental e comunicacional, facilitando uma relação de inclusão com o contexto em que se insere.

As crianças do Morro se mostraram protagonistas na construção de uma narrativa sobre si mesmas, as pessoas e os lugares que amam, promovendo um olhar interno e genuíno sobre o território. A biblioteca, nesse sentido, se torna um espaço de expressão e fortalecimento identitário, mais do que um repositório de informações.

Entendemos que a biblioteca pode ser um importante instrumento de resistência contra narrativas externas e dominantes que frequentemente subjagam ou ignoram a diversidade cultural de locais com culturas não hegemônicas. Esse resgate de memórias e saberes, por meio das crianças, reflete uma cultura de pertencimento e cria, de forma espontânea, uma ponte entre as tradições e o futuro, permitindo que a comunidade se veja retratada e valorizada em seus próprios termos.

Cabe dizer que o ambiente colaborativo da Oficina Nossa possibilita que o compartilhamento de memórias individuais se transforme em um processo de aprendizado coletivo, promovendo uma educação que não se limite a um sistema bancário de depósitos conteudistas sobre as crianças.

Este trabalho aponta para a necessidade de adotar métodos de estudo comunitário que criem frentes de diálogo com as diferentes comunidades que compõem um dado território. Além disso, ressalta o papel da biblioteca comunitária como espaço de compartilhamento de saberes a partir da realidade local e da afetividade, abandonando uma lógica de construção de serviços, políticas e acervos que ignorem a pluralidade de vivências do território.

### **AGRADECIMENTOS**

Agradecemos ao projeto *UFF-Comunidades: Um estudo sobre conexões entre sujeitos sociais, conflitos e os impactos*, do INEAC - UFF, pelo apoio essencial a esta pesquisa. Nossa gratidão também ao MACquinho, sua equipe, às crianças participantes do mapa afetivo e aos seus pais, cuja colaboração tornou possível o desenvolvimento deste trabalho.

**REFERÊNCIAS**

- FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames. *In*: MOTTA, Manoel Barros da. (org.) **Estratégia, poder-saber**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. (Ditos e escritos; IV) p. 203-222.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2013.
- INEAC. Projeto de pesquisa/extensão UFF - comunidades – Um estudo sobre conexões entre sujeitos sociais, conflitos e os impactos coletivos. Niterói: IneAC, 2024.
- LATOUR, B. Redes que a razão desconhece: laboratórios, bibliotecas, coleções. *In*: PARENTE, A. (org.). **Tramas da rede**: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação. Porto Alegre: Sulina, 2004.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 3. ed. Campinas: Unicamp, 1994.
- MENASCE, Márcio. MACquinho reabre suas portas para comunidade e os visitantes. **O Globo**, Rio de Janeiro, 09 jun. 2014, Caderno Bairros.
- MENDONÇA, Ismael Lopes; FEITOSA, Luiz Tadeu; DUMONT, Lígia Maria Moreira. Por uma relação cultural com a informação, *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 20, Florianópolis, de 21 a 25 de outubro de 2019. **Anais [...]**. Florianópolis, UFSC, 2019. Disponível em: <https://conferencias.ufsc.br/index.php/enancib/2019/paper/download/1001/492>. Acesso em: 18 jul. 2023
- NORA, Pierre. **Entre memória e história**: a problemática dos lugares. Trad. Yara Khoury. Projeto História, São Paulo: PUC-SP, n. 10, p. 7-28, 1993.
- NUNES, Jefferson Veras; CAVALCANTE, Lídia Eugênia. Por uma episteme mediacional na Ciência da Informação. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, [S. l.], v. 10, n. 2, ago./dez. 2017, Disponível em: <https://revistas.ancib.org/index.php/tpbci/article/view/413/412>Acesso em 10 jul. 2023
- PAIS, José Machado. **Vida cotidiana**: enigmas e revelações. São Paulo: Cortez, 2003.
- POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.
- ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. *In*: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (org.). **Usos e abusos da história oral**. Na segunda metade dos anos cinquentas. 4. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2001, p. 93-104.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo, EDUSP, 2002.
- PEREIRA, Joselaine Raquel da Silva; REGISTRO, Milena. **Antropologizando a cartografia afetiva**: práticas de cuidado como formas de resistência e re-existência. Campos, Paraná, v.23, n.1, p. 122-142, 2022.

SILVA, Carlos Robson Souza da; CAVALCANTE, Luciane de Fátima Beckman. Da mediação à mediação cultural da informação: percursos e questionamentos. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 22, Porto Alegre, 07 a 11 de novembro de 2022 **Anais** [...]. Porto Alegre, UFRGS, 2022.

SANTOS, Doroteia Carneiro dos; GONÇALVES, Claudio do Carmo. Sobre memórias e lugares: a cartografia afetiva na obra *Fim*, de Fernanda Torres. **Mediação**, Pires do Rio - GO, v. 12, n. 2, p. 117-129, jul.- dez. 2017.

NORA, Pierre. Lugares-memória. **Projeto história**: Revista do Programa de Estudos de Pós-graduados em História e do Departamento de História da PUCSP, São Paulo, SP – Brasília, 1981, pp. 07-28.